

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Renata da Silva Marques

**APRENDIZAGEM, EDUCAÇÃO E SAÚDE:  
O QUE AS PROFESSORAS TÊM A DIZER SOBRE ISSO?**

Porto Alegre  
1.Sem.2015

Renata da Silva Marques

**APRENDIZAGEM, EDUCAÇÃO E SAÚDE:  
O QUE AS PROFESSORAS TÊM A DIZER SOBRE ISSO?**

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia – Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Rosângela de Fátima Rodrigues Soares

Porto Alegre

1.Sem.2015

Ao concluir este trabalho quero agradecer...

...à minha família que sempre me apoiou e me incentivou na busca do que eu almejo, me fazendo acreditar que sou capaz e merecedora, me amparando nos momentos difíceis e compartilhando de minha alegria nos momentos felizes durante essa trajetória;

...à minha avó Rejane, cujo comprometimento com a educação sempre admirei. Que serviu como inspiração para eu optar pela carreira docente e, mais tarde, inspiração para a realização da presente pesquisa juntamente do meu tio Rafael, meu irmão do coração;

...à minha mãe Daniela, pelo apoio e carinho dedicados a mim juntamente do meu “paidrasto” Flávio, sem vocês nada disso seria possível;

...à minha irmã Luiza, por ter me ensinado a amar incondicionalmente;

...à minha prima e afilhada Gabriela, por me mostrar que não há distância que supere a vontade de estar junto;

...ao meu primo Matteo, que ainda não chegou, mas já me mostrou que pra estar junto não precisamos estar perto;

...aos meus tios e padrinhos Antonio e Walter, por terem sido muito mais que tios ao longo de toda minha vida;

...ao meu namorado Diego, pelo carinho;

...à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, por ter me proporcionado uma educação de qualidade na busca da concretização deste objetivo, juntamente com os professores os quais pude desfrutar de momentos de aprendizagens significativas durante minha formação;

...à professora Dra. Rosângela de Fátima Rodrigues Soares que incansavelmente me ensinou e despertou em mim o gosto pela temática da educação e saúde e que, desde a terceira etapa do curso, vem acreditando no meu trabalho; à orientação fornecida desde a elaboração do projeto de pesquisa na quarta etapa do curso até a culminância pelo desejo em realizar a pesquisa na área como conclusão desta etapa tão importante pra mim; à sua amizade, compreensão, e por tornar-se referência na minha formação profissional. Professora Rosângela meus sinceros agradecimentos.

...à professora Elisabete Maria Garbin pelas sugestões orientadas durante a disciplina Reflexão sobre a prática docente;

...às colegas que viraram amigas, em especial Daniele, Fernanda e Mariana, que me acompanharam nesta trajetória.

...às instituições que me acolheram para a realização desta pesquisa;

## RESUMO

Este trabalho problematiza as relações entre aprendizagem, educação e saúde na perspectiva de professoras, buscando abordar o que as docentes têm a dizer sobre isso. A questão orientadora foi: “*Como professoras percebem o aprender e suas relações com a saúde?*” Seus objetivos: perceber as concepções dos professores sobre o bom e mau aluno, as possibilidades de sala de aula e a relação família e escola na aprendizagem; e, discutir as relações entre saúde e educação e suas relações com o aprender. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, onde foram realizadas entrevistas semiestruturadas gravadas com três professoras e, além disso, foi realizada a distribuição de um questionário com professoras. Tanto as entrevistadas quanto as que responderam o questionário lecionam na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. O campo da pesquisa se caracteriza por uma escola pública estadual e uma escola privada, localizadas em Porto Alegre/RS. Como referencial básico deste trabalho: Maria Aparecida Moysés ao ser fonte inspiradora inclusive das perguntas que formaram o questionário realizado. A autora trata, dentre outros assuntos, dos distúrbios de aprendizagem. As análises apontam a família como peça fundamental para o processo de aprendizagem dos educandos. As famílias, quando aliadas à escola e à outros profissionais da área da saúde, tendem a servirem como um alicerce para os alunos. Esta pesquisa em suas considerações apresenta a realidade na qual os professores estão inseridos, mostrando quais desafios eles devem superar e apoiados em quem. No caso desta pesquisa vimos que a visão do professor é que aja uma união entre escola, família e saúde durante o processo de aprendizagem dos educandos.

**Palavras-chave:** Aprendizagem. Educação. Saúde. Professoras.

## SUMÁRIO

<b>1 OS PRIMEIROS PASSOS QUE NOS LEVAM AO CAMINHO DA EDUCAÇÃO ....</b>	<b>7</b>
<b>2 PROCEDIMENTOS PARA GERAR A PESQUISA.....</b>	<b>10</b>
<b>3 ELENANDO CONCEITOS E ANÁLISES.....</b>	<b>13</b>
3.1 INFÂNCIA E APRENDIZAGEM: como as professoras se posicionam?.....	13
3.2 EDUCAÇÃO, SAÚDE E APRENDIZAGEM.....	22
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>27</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>30</b>
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>31</b>

## 1 OS PRIMEIROS PASSOS QUE NOS LEVAM AO CAMINHO DA EDUCAÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) <sup>1</sup> me remeteu a vivências passadas pela minha família, em especial pela minha avó e meu tio mais novo. Explico que a experiência de minha avó e meu tio é lembrada pelo fato de ela ter lecionado na mesma instituição em que ele estudou, tendo que se dividir entre o papel de mãe e de professora em certas ocasiões. Ter presenciado estes momentos, mesmo quando eu era criança, marcaram minha vida, deixando meu papel de pesquisadora mais sensível sobre o assunto.

Antes de apresentar o estudo realizado, julgo ser importante trazer a trajetória que vivi como aluna desde o Ensino Fundamental até a Graduação. Assim, os leitores irão compreender o porquê da minha busca e inserção na investigação pelo tema proposto neste trabalho.

A causa principal em me inserir em estudos que ajudem a mostrar a busca do afeto, da sensibilidade e o entendimento das professoras<sup>2</sup> sobre os motivos das diferentes condutas dos alunos foi ter vivenciado, junto de minha avó, momentos de comportamentos vistos como ruim do meu tio e que vinham a comprometer o andamento da aula. Na época percebia que os acontecimentos perturbavam a minha avó, pois acabava afetando seu local de trabalho<sup>3</sup>.

Durante o curso de Pedagogia, onde cursei diferentes disciplinas curriculares, foi onde realmente surgiu o interesse pelo presente tema de investigação. Na terceira etapa do curso me deparei com a disciplina obrigatória “Educação Saúde e Corpo”, esta aguçou o desejo pela quebra da banalização do uso de medicamentos no ambiente escolar. Foi onde tive oportunidade de entender sobre o tema, pois anteriormente só sabia o que tinha vivenciado, quando ainda não entendia o que a minha avó estava passando com o seu filho, no caso, meu tio. Com isso pude ter um contato inicial com teóricos que abordam o assunto. Meu primeiro interesse era estudar a medicalização na vida escolar. Porém no decorrer da pesquisa avaliei a

---

<sup>1</sup> Trabalho que incide em uma das exigências do Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

<sup>2</sup> Adoto a palavra professorã pela predominância de mulheres exercendo a docência na etapa escolar e pelo fato de o estudo ter sido realizado apenas com professoras (entrevistas e questionários).

<sup>3</sup> A escola em que minha avó lecionava foi onde meu tio estudou. Dividindo-se entre assumir o papel de mãe e educadora na mesma instituição de ensino.

possibilidade de ampliar a temática para a educação e saúde. Ressalto que não abandonei a temática inicial, apenas mudei o foco para observar a relação entre saúde e educação, sendo a medicalização um dos seus aspectos. É possível destacar também minha prática em escolas<sup>4</sup>, onde tive a oportunidade de iniciar logo que ingressei na faculdade que, juntamente com as trajetórias já citadas, justificam o desejo pela pesquisa nesta temática. Esta prática colaborou com o tema, pois nada melhor para entender o comportamento dos alunos do que vivenciando junto deles a rotina escolar.

Posterior a essa contextualização que me inquietou e levou à escolha do objeto de estudo, destaco a questão que norteia a presente investigação:

### **Como professoras percebem o aprender e suas relações com a saúde?**

Esta pergunta norteou o objetivo e os caminhos investigativos ao procurar entender como as professoras lidam com a questão da educação vinculada à fatores que envolvem a saúde dos alunos em sala de aula. Foram objetivos dessa pesquisa:

- Perceber as concepções dos professores sobre o bom e mau aluno, as possibilidades de sala de aula e a relação família e escola na aprendizagem;
- Discutir as relações entre saúde e educação e suas relações com o aprender.

Este estudo foi realizado com professoras de uma escola particular e de uma escola estadual, ambas em Porto Alegre, por meio de entrevistas semiestruturadas e questionários. Participaram da entrevista semiestruturada duas professoras da escola privada e uma da escola pública. Os questionários foram respondidos pelas professoras da escola particular.

Há uma estreita relação entre educação e sociedade. Entendo que a escola não tem o poder de mudar a sociedade e, simultaneamente, ela não tem o mero papel de conservar mecanicamente essa sociedade. Parto da compreensão de que a escola pode contribuir para a mudança ao desempenhar o seu papel de ensinar criticamente, fornecendo os instrumentos básicos para o exercício da cidadania, sempre lembrando das famílias atuantes junto da escola.

---

<sup>4</sup> Destaco, além da experiência exigida no currículo da Licenciatura em Pedagogia da UFRGS, a prática realizada fora do que o currículo do curso exige como obrigatoriedade para a obtenção do título almejado.



Neste sentido, a escola necessita buscar educar as crianças desde cedo para exercerem seus direitos enquanto cidadãos. Desejando que a partir da educação possam vir a tornarem-se críticas e autônomas.

Reconheço que a função pedagógica do trabalho com crianças de 0 a 5 anos, é capaz de favorecer o desenvolvimento infantil e a aquisição de conhecimentos. E é nessa proposta de educação que realizo minha pesquisa. Trago para a pesquisa a contextualização do conceito de infância, pois a pesquisa foi realizada no contexto da educação infantil. Claro que penso na problemática da escola como um todo, porém o recorte desta pesquisa abrange as professoras dessa etapa.

Entendo que a Educação Infantil é uma etapa muito importante para a formação intelectual, moral e social das crianças. Por isso um dos seus principais objetivos precisa ser efetivar cotidianamente uma educação de qualidade. Para que isto ocorra, se deve firmar este compromisso frente às crianças, famílias e a sociedade.

A escola, sem dúvida, precisa buscar construir um espaço de ajuda para a transformação e mudança da atual realidade da sua comunidade, do país e do mundo. Ao trabalhar com crianças que, desde pequenas, sofrem as dificuldades do tempo atual, a escola deve construir um ambiente “ideal”, um palco “perfeito” para por em prática uma política de formação fundada em transferências seguras, alicerçadas no respeito, na ética, gerando cidadãos conscientes, críticos e solidários. A escola necessita buscar sempre se adequar às exigências e às necessidades de cada momento que se vivencia enquanto instituição que educa crianças pequenas.

## 2 PROCEDIMENTOS PARA GERAR A PESQUISA

O estudo é de caráter qualitativo, sendo assim, ocorre uma busca sobre os significados que os sujeitos possuem em relação com suas ações; a pesquisa qualitativa se caracteriza com o objetivo de realizar uma interpretação da realidade. Marli E.D.A André; Menga Ludke (1986) embasados em discussões de Roberto Bogdan; Sari Knopp Biklen (1982) asseguram que:

A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento. Segundo os dois autores, a pesquisa qualitativa supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada, via de regra através do trabalho intensivo de campo. (ANDRÉ, Marli E.D.A; LUDKE, Menga, 1986, p. 11)

O presente estudo foi realizado com professoras de educação infantil de uma escola estadual e de uma escola particular, ambas localizadas na cidade de Porto Alegre/RS. A escola estadual oferece ensino da Educação Infantil e Ensino Fundamental e caracteriza-se como uma instituição de porte médio. Tal escola localiza-se no bairro Bela Vista. Os alunos são moradores do bairro e também oriundos de outros bairros, às vezes vindos da grande Porto Alegre, pois a escola é referência em inclusão na cidade. A escola particular oferece Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio e caracteriza-se como uma instituição de grande porte, atendendo mais de 1000 alunos. Essa escola localiza-se no Bairro Três Figueiras.

A escolha dessas escolas ocorreu por identificação minha com os locais, por serem escolas que sempre se colocaram à disposição dos meus estudos ao longo da minha trajetória acadêmica, além de serem escolas que possuem o nível de ensino que busquei pesquisar, Educação Infantil.

Os instrumentos metodológicos utilizados foram questionários e entrevistas semi-estruturadas com a finalidade de investigar a percepção das professoras no que se trata do comportamento dos alunos e sua relação com a saúde e/ou a falta

dela e, ainda, observar como essas professoras se colocam perante seus alunos e como se posicionam frente aos problemas da rotina de sala de aula.

A entrevista semi-estruturada com base em um roteiro de frases que eram abertas<sup>5</sup> permitiu às professoras relatarem tudo que pudesse vir à cabeça que fosse relacionado ao tema da questão de pesquisa. Sendo assim, poderiam surgir novos questionamentos no momento da entrevista e relatos de casos. As entrevistas foram gravadas em áudio (mp3) e, em seguida, transcritas.

O questionário<sup>6</sup> foi realizado para enriquecer os apontamentos obtidos através das entrevistas. Em um primeiro momento não havia sido pensado na realização deste instrumento, porém, com a concretização das entrevistas se fez necessário obter mais recursos para as análises, recorrendo ao questionário como subsídio para a pesquisa. É importante ressaltar que as perguntas/frases, tanto do questionário como das entrevistas, foram apoiadas no trabalho feito por Moysés (1996).

Referindo-me às contribuições teóricas que permeiam este estudo realizei uma revisão teórica sobre as temáticas envolvidas, tanto em livros, quanto em materiais de publicação eletrônica, inclusive visualizando vídeos relacionados ao tema em análise, com entrevistas de autores que falam sobre educação e saúde, aprendizagem e infância.

Realizo aqui uma iniciação às minhas concepções e aos referenciais acerca do embasamento desta pesquisa. Apresento nos próximos capítulos uma apreciação a respeito dos principais conceitos que fazem parte deste estudo, articulados aos dados recolhidos junto às professoras. Pretendo, com isso, fazer uma discussão de alguns aspectos teóricos junto com as categorias elencadas. A pesquisa está

---

<sup>5</sup> Roteiro de entrevistas: \*Bom aluno e mau aluno; \*Alunos e alunas problema; \*Confusões em sala de aula; \*Famílias dos alunos; \*Alunos e alunas agitados ou silenciosos; \*Saúde e doença e sua relação com a aprendizagem; \*Alunos e alunas com necessidade de medicamentos.

<sup>6</sup> Questionário: 1- O que você considera ser um bom aluno?; 2- O que você considera ser um mau aluno?; 3- Se um aluno não está “aprendendo” na sala de aula, mas está aprendendo em outros lugares, por exemplo, em casa, o que diria que está acontecendo com ele?; 4- Você acha que a escola “produz” o bom e/ou mau aluno? Justifique a sua resposta.; 5- Você acha que meninos e meninas aprendem de maneira diferente?; 6- Qual é a importância de um médico e outros profissionais da área da saúde no campo da educação?; 7- Em sua opinião, a família influencia o desempenho escolar das crianças? Se sim, no que? Se não, por quê?; 8- Você acredita que a criança tem responsabilidade quando não “aprende”? Por quê?; 9- Uma criança doente pode aprender? Justifique sua resposta.; 10- Qual é a importância de saúde na educação?; 11- Para você, quais são os fracassos e as dificuldades que existem na escola hoje em dia e o que os provocam?; 12- Como você, um professor, pode ajudar a evitar o fracasso escolar? E como podes trabalhar as questões acerca dos preconceitos que permeiam a vida escolar?.

organizada em duas grandes categorias para a realização da análise do material empírico: Infância e Aprendizagem e Educação, Saúde e Aprendizagem.

Construí o capítulo teórico–analítico abordando sobre os conceitos que considere primordiais ao longo da pesquisa. Além disso, notei que esses elementos relacionam-se, pois acredito que um dependa do outro para uma prática pedagógica diferenciada, o que mais a nossa educação escolar necessita. O excerto sobre estes conceitos não é um manual para uma boa prática docente, até porque este manual não existe, ou pelo menos não deveria existir. Este capítulo serve apenas para refletir, e a reflexão faz um docente ser bom professor. Ler e refletir sobre a prática nos torna melhores a cada realização ao longo da docência, pois é possível parar, (re) pensar o que fizemos ou o que terá por vir para a efetivação de uma nova ação. Procuro apresentar as análises das entrevistas e questionários realizados, focando o olhar das professoras perante seus alunos e suas compreensões acerca da relação da aprendizagem com a saúde de seus educandos. É possível afirmar que busco refletir junto e a partir das entrevistas e questionários realizados.

### 3. ELECANDO CONCEITOS E ANÁLISES

Neste capítulo, dividido em duas partes, busco num primeiro momento analisar a aprendizagem dos educandos e a perspectiva das professoras sobre seus alunos, a sala de aula e a família; no segundo centro mais a discussão sobre a relação da educação e saúde e suas conexões com o aprender.

#### 3.1 INFÂNCIA E APRENDIZAGEM: como as professoras se posicionam?

A definição de criança passou por uma transformação social ao longo dos séculos, passando a ocupar uma posição social dentro da família não sendo mais tratada como um pequeno adulto. Passou a ser vista como criança e a ter as suas necessidades da infância atendidas. Aos poucos, alguns aspectos, como a vestimenta por exemplo, passaram a ser adequados para essa fase da vida.

Segundo Philippe Ariès (2011), a infância foi uma invenção da modernidade, constituindo-se numa categoria social construída recentemente na história da humanidade. A infância muda de acordo com o tempo e com os diferentes contextos sociais, econômicos, geográficos e até mesmo com as peculiaridades individuais. Segundo Gimeno Sacristán (2005), “não existem infâncias prototípicas uniformes ou ideais, mas modos de viver essa etapa da vida.”

Acredito que é necessário perceber a criança como um sujeito social, que compõe uma sociedade e que necessita ter voz nesse meio. Mas a sua fase de vida, a infância, não pode nunca passar despercebida. É preciso valorizar a infância, dando espaço para que essas crianças que constituem a comunidade escolar e que possam vivenciar essa fase dentro da escola, propiciando-as momentos de sonhos e brincadeiras.

Esses mesmos sujeitos tornar-se-ão sujeitos da aprendizagem, não somente dentro das escolas, mas também nas aprendizagens que ultrapassam os muros das escolas. Precisamos ter presente que estamos tratando de sujeitos que não podem ser considerados e tidos como homogêneos. Devemos respeitá-los e percebê-los como seres humanos, dotados de voz, ação e inúmeros aspectos individuais que os

tornam únicos. De acordo com as autoras Débora de Barros Silveira e Anete Abramowicz (2002, p.60) “[...] é necessário saber ouvir, respeitar a voz do outro, mas como os adultos apequenizam as crianças, geralmente suas vozes não são ouvidas, são desqualificadas, tornam-se vozes apequenadas.” Noto que não devemos tornar esses sujeitos menores ou inferiores aos adultos, pois os mesmos carregam consigo vivências e aprendizagens, que devem ser valorizadas, reconhecidas e ouvidas por professores, como enfatiza Sacristán (2005).

Ao acreditarmos que são “menores”, sua voz não nos importa e não os consultamos para elaborar ou reconstruir a ideia que temos sobre quem eles são. Os adultos definem a si mesmos, e os menores são definidos pelos adultos. Se eles não falam, e nós adultos fazemos isso por eles, é lógico que a explicação de sua experiência esteja muito intermediada pelas visões que temos deles. (SACRISTÁN, 2005, p. 12)

Enfatizo o termo voz, não somente no sentido de ouvir as crianças, mas deixá-las falar durante as aulas, nas brincadeiras, nos trabalhos em grupos, pois não conseguimos perceber nenhuma troca de conhecimento nesses momentos citados se não houver a possibilidade de expressão. É necessário que haja essa interação e troca entre as crianças, não se limitando somente aos seus pares, mas com todos que participam das suas vivências.

Ao recorrer novamente às palavras de Sacristán (2005), é realizado isso por acreditar que é necessário centrar o sujeito da aprendizagem e, além de vê-lo como parte integrante e fundamental do currículo, é preciso que a aprendizagem seja para ele, um ser real, que têm vida e carrega consigo uma bagagem de vivências.

Penso na instituição escolar, como um espaço de transformação, que muito além de apenas “passar conhecimento”, deve ser um lugar que possibilite a reflexão dos alunos, possibilitando um currículo que valorize suas vivências e experiências e que problematize questões que parecem estar dadas, mas que podem ser transformadas por eles.

É importante refletir, também, que cada aluno tem seu tempo de aprendizagem e os seus interesses por determinado assunto, porém, é função do professor ampliar esses interesses aliando-os a suas intenções e obrigações. Pois

assim, não ficará um trabalho “raso”, trabalhando o interesse dos alunos sem saber onde deseja chegar com tal conteúdo.

Observo, a partir dos dados levantados, que as professoras buscam levar em conta esse tempo, ou seja, de alguma forma é possível afirmar que as professoras já incorporaram ao seu fazer uma perspectiva de infância e aluno como não homogênea, necessitando de intervenções específicas tal como podemos observar nos depoimentos que seguem:

Professora F. - Alunos Problema todas as turmas tem, e aí acho que também, a questão de não encarar como um problema e sim como crianças que precisam de algumas questões diferentes dos outros ou atenções diferentes, suportes diferentes. Ações que vão tendo que se modificar até conseguir encontrar como chegar neles ou tocar. Mas sempre buscando pelo lado afetivo. Acho que aonde conquistou no afetivo, os problemas se tornam menores.

Professora J. – Cada ano que temos turmas diferentes e alunos diferentes eu tento fazer o máximo possível para perceber cada aluno, suas dificuldades, suas potencialidades, seu modo particular de aprender e ver o mundo. Questões de convívio e respeito social são trabalhadas de forma que eles percebem a sua importância.

É evidente que tal olhar sobre os alunos exige do professor um papel de protagonista no processo de ensino. Da mesma forma que o papel da família também parece fundamental para esse processo. Essas perspectivas ficaram claras em alguns depoimentos, que exemplifico aqui com a colocação de algumas participantes da pesquisa:

Professora G. – Os considerados maus alunos, geralmente são pessoas que não gostam de estudar, não fazem as tarefas, não participam das aulas, não demonstram entusiasmo pelas atividades escolares e, por isso, tendem a tirar notas ruins. Acontece que, na maioria das vezes, esses alunos não gostam da escola, acham a aula desinteressante, não se sentem motivados a aprender, porque não foram conquistados, não foram seduzidos, para a grande aventura do conhecimento. Muitos vão à escola porque são obrigados a ir, o que de certa forma, é enfadonho. Na maioria das vezes, esses alunos são rejeitados, porque representam o diferente que incomoda os iguais, quer dizer, seu comportamento desajustado, além de revelar seu descontentamento e sua frustração, perturba e desorganiza a ordem.

Professora M - As confusões em sala de aula eu tenho que procurar mediar, tá? Procurar a partir do que eu vejo que surgir eu vou ter

minha fala pra resolver em sala de aula essas confusões, tá? Eu tenho que fazer ter uma harmonia, é isso que eu vejo, é eu mesma em sala de aula resolvendo.

Professora S. – Um bom aluno é aquele que tem uma família apoiando e torcendo para seu sucesso, que tem interesse em aprender, é equilibrado afetivamente e tem condições de conviver em um grupo social, respeitando os demais e sabendo aproveitar as chances que tem de construir novos conhecimentos.

Pensar em docência implica refletir na prática de sala de aula, vemos como uma cumplicidade entre alunos, professores e até mesmo as famílias, que de uma forma ou outra fazem parte do processo de aprendizagem. O ato da docência não se resulta em despejo de conteúdos, realização da chamada, correção de provas, exercícios e atribuição de notas e conceitos. Segundo Celso Vasconcellos (2003) é preciso, antes de qualquer coisa, chegar a um acordo sobre o que é afinal a atividade docente.

[...] Se por professor entendemos aquele sujeito que está inserido no processo de humanização, que faz a educação por meio do ensino, que está implicado na tarefa de propiciar a apropriação crítica, criativa, duradoura e significativa da herança cultural (em termos conceituais, procedimentais e atitudinais), como mediação para a construção da consciência, do caráter e da cidadania plena para todos, então, certamente, o encaminhamento será outro! (VASCONCELLOS, 2003, p.13)

Durante a docência irão surgir obstáculos, mas estes também são fundamentais para a formação, ou seja, o ato de solucionar os problemas que surgirem, ou dilemas como denomina Miguel Zabalza, também está inserido no ato de ensinar. Além disso, Zabalza nos mostra que “a capacidade de reflexão unida a um planejamento aberto surge como uma condição profissional necessária.” (ZABALZA, 2003, p.11)

Falar em docência e em planejamento remete a discutir sobre as ideias referidas por Maria Bernadette Castro Rodrigues (2004), onde percebo o quão importante é a realização de refletir sobre a prática, desempenhando perguntas para si mesma. Além disso, acredito que durante o processo de ensino/aprendizagem a professora deve trazer consigo a ideia de que ela tem uma missão a ser cumprida



dentro da sala de aula, onde não é apenas o aluno que tem deveres a cumprir. Conforme Rodrigues (2004, p.28) “compete à professora buscar a adequação da proposta de atividade com a organização do ambiente, tendo presente que nem as classes, nem as cadeiras estão presas ao chão, podendo dispô-las de diferentes maneiras durante o período de aula.”

A sala de aula e a própria escola devem ser espaços que permitam e favoreçam à aprendizagem, estimulando a participação dos alunos, possibilitando aos mesmos um ambiente onde possam pesquisar e expressar os temas que desejam abordar. O educador necessita, desde o início do ano, organizar o espaço pedagógico, a sala e os demais espaços da escola, proporcionando diversas experiências às crianças e ser capaz de atribuir significado à curiosidade despertada por atividades ou assuntos, às perguntas feitas, ao que é necessário no momento do desenvolvimento dos educandos, atendendo às suas necessidades e interesses, respeitando a cultura em que estão inseridas.

Em geral, a aprendizagem é provocada por situações – provocada por um experimentador psicológico; ou por um professor, com referência a algum ponto didático; ou por uma situação externa. Ela é provocada, em geral, como oposta ao que é espontâneo. Além disso, é um processo limitado a um problema simples ou uma estrutura simples. (PIAGET, 1972)

A ideia de uma sala de aula com classes enfileiradas não favorece a aprendizagem, já que a mesma se dá na troca com os demais colegas. Segundo Maria Bernadette Castro Rodrigues, sentar em círculos é uma das formas possíveis para promover o debate, favorecendo a troca entre os colegas. Outra maneira de promover a aprendizagem e trocas são os grupos de trabalho, onde os alunos se ajudam, discutem e trocam saberes. A aprendizagem se dá na troca com os outros sujeitos.

A avaliação da aprendizagem como elemento integrante da prática pedagógica, deve ser considerada como um meio e não um fim, para verificar se o processo de ensino-aprendizagem está de acordo com os objetivos do professor. Na avaliação não é apenas a criança que é avaliada, mas todo o trabalho pedagógico oferecido, repensado e modificado sempre que necessário. Não é uma avaliação

final, pontual, retratando um único momento da criança. Mas uma avaliação processual que, entretanto, é registrada periodicamente. Avaliar é acompanhar o processo de construção do conhecimento. Para Hoffmann, 2009;

É preciso ultrapassar a sistemática tradicional de buscar o absolutamente certo e errado em relação às respostas do aluno e atribuir significado ao que se observa em sua tarefa, valorizando ideias, dando importância a suas dificuldades, sugerindo-lhe o seu próprio prestar atenção. (HOFFMANN, 2009, p.77)

No meu ponto de vista, a organização do currículo não pode estar separada da totalidade social, como na sociedade, qualquer escola é um espaço social formado por pessoas: professor, pais, funcionários e crianças diferentes umas das outras, por razões diversas, como raça, condição social, gênero, religião, comportamento, saúde e as demais multiplicidades existentes. Dessa forma, a escola precisa incentivar seus alunos a produzir e divulgar conhecimentos, bem como, atitudes, posturas e valores que garantam, a todos, respeito e valorização quanto as suas diferenças. Para isso tomo como referência Roseli Inês Hickann (2002), que nos faz refletir sobre algumas finalidades do currículo.

[...] proponho pensar num currículo articulado ao cotidiano das salas de aula dessas crianças, que inúmeras vezes, por serem despidas de suas identidades, é planejado para uma infância idealizada e abstrata. Ver numa criança uma pessoa, é perceber seus vínculos de pertencimento a uma raça, etnia, gênero, religião, classe social, enfim, a uma multiplicidade de marcas que a constituem. [...] (HICKMANN, 2002, p. 10-19).

Temas como raça, condição social, gênero, saúde e outros, devem estar contemplados todos os dias no currículo escolar, pois estão inseridos no dia a dia dos educandos. A escolha de um dia para lembrar e exaltar determinado assunto, acaba formando uma grande lacuna na formação solidária e democrática dos educandos e negando as diferentes culturas. Deixando um grande espaço para atitudes de discriminação.

[...] Desde sua constituição, a escola moderna é marcada por diferenças e está implicada, também, com a produção dessas diferenças. Embora não seja possível atribuir a ela toda a responsabilidade pela construção das identidades sociais, ela continua sendo, para crianças e jovens, um local importante de vivências cotidianas específicas e, ao mesmo tempo, plurais. (MEYER E SOARES, 2004, p. 6).

Outro aspecto que parece ser desde sempre importante para a escola é a sua relação com a família. O conhecimento, o relacionamento franco e a participação das famílias na vida da escola são componentes fundamentais na proposta das Escolas.

Entendo a relação escola-família na sua dimensão social, respeitando o modo de agir e pensar dos pais, valorizando seus costumes e tradições, mas, simultaneamente, explicitando metas, atitudes e prioridades educacionais. Buscar, portanto, uma união entre escola e família a fim de oferecer às crianças melhores condições de vida e de educação.

Na escola buscar firmar esta parceria ao realizar entrevistas iniciais, reuniões periódicas (discussões de temas relevantes), participação em festividades, reuniões de entrega de avaliações e visitas dos pais à escola é um papel primordial, pois integra cada família na escola.

Buscar efetivar a participação dos pais no processo de ensino-aprendizagem das crianças e também da instituição, estimulando desta forma uma relação de troca entre família- escola é fundamental. O essencial é que a família se integre no processo de aprendizagem da criança. A parceria com a família mostra uma segurança muito significativa para os alunos.

Destaco que os pais que têm livre acesso à escola e sempre procuram esclarecer qualquer dúvida também é muito importante para a criança. Com esta postura, o objetivo é de tornar a prática escolar democrática e transparente, buscando a inserção das famílias nesse processo, o que é de suma importância segundo os dados analisados. Se o aluno não tem o apoio da família, parece que o processo ensino-aprendizagem não pode ocorrer, ou ocorre de uma forma fragmentada, deixando lacunas na aprendizagem do educando.

Durante a hora da saída das crianças é comum que os pais busquem seus filhos na sala de atividades e acompanhem as atividades que estão sendo

realizadas naquele momento. Este também é um momento para acompanhar os relatórios semanais das atividades que são desenvolvidas, para conversar com as educadoras sobre o desenvolvimento de seus filhos, ou ainda, oferecer sugestões sobre o trabalho, ou seja, é um momento de estar a par do que está acontecendo com os filhos na escola.

Quando são realizadas festividades na escola, é importante destacar que a efetiva participação das famílias nestes eventos de integração é muito rico. É outro momento em que a participação dos pais dá mais força para a criança, pois percebe que os pais estão naquele momento ao seu lado, estão ali por seus filhos. Se fazem importante para os pais.

Momentos de realizações de passeios de integração entre família- escola. também demonstram à criança uma segurança com relação a escola, o que está, sem dúvida, ligado ao seu processo de ensino-aprendizagem.

Noto, a partir dos dados apanhados, que a relação da família com a aprendizagem é uma afinidade essencial para os educandos tal como observei nos depoimentos que seguem:

Professora G. – Cada ano que temos turmas diferentes e alunos diferentes eu tento fazer o máximo possível para perceber cada aluno, suas dificuldades, suas potencialidades, seu modo particular de aprender e ver o mundo. Questões de convívio e respeito social são trabalhadas de forma que eles percebam a sua importância.

Professora F. - As famílias têm que ser nossas parceiras, porque é a única forma de a gente conseguir ter esse andamento e de conseguir também com que os alunos consigam se desenvolver e buscar as suas reais possibilidades, potencialidades, né? Muitas vezes, no momento em que a gente conquista essa família, que ela confia na escola, nos professores, já é meio caminho andado também pra que os alunos consigam fazer novas conquistas.

Professora K. - Eu acho que a grande maioria das famílias, como escolheu uma escola de qualidade, quer uma educação de qualidade e a grande maioria colabora, entende o objetivo da escola. Eu acho que as exceções que causam problema, as vezes a criança já é problema em casa, já tem uma dificuldade em casa e transfere pra escola ou, confundir. A escola é um apoio pra família que a escola escolariza, e a família educa. E a escola ajuda a família a educar, não ao contrário, né? Então acho que quando essas relações não estão bem estabelecidas, fora isso, acho que não. Agora se a gente for considerar o universo de alunos que a gente tem, sei lá, duzentos

alunos, é uma exceção de problema, não é a regra. Claro, quando dá problema aí, ah. [suspiro e risos]

Embora eu reconheça e concorde com a importância da família para o processo de ensino, algumas vezes também observei durante a pesquisa uma excessiva responsabilidade na família sobre as dificuldades na aprendizagem. Ou ainda, é possível também apontar que, algumas vezes, qualquer problema familiar parece ser decisivo para explicar os problemas na escola, o que pode ser entendido como uma forma de medicalização, na medida em que, há uma “psicologização” de dificuldades que poderiam ser também de metodologias escolares. Trago aqui alguns depoimentos que podem ser demonstrativos do que quero argumentar:

Professora S - A influência do lar como habitat da criança e da família, assim como a influência do meio social mais amplo, é muito grande, principalmente na primeira infância e na adolescência. Estas são as fases críticas do desenvolvimento do ser humano, que sempre requerem um maior cuidado e atenção. A família tem grande influência sobre o desempenho escolar das crianças, pois pais que não se interessam pelos seus filhos e que não comparecem á escola, usam o próprio aluno como estratégia de responsabilidade, pelo seu próprio fracasso escolar. Nós professores hoje temos que providenciar a educação global (valores, hábitos de higiene etc.) que a família não dá. Onde os alunos são visto como desinteressados e indisciplinados e são percebidos junto com a família, como os principais problemas da sala de aula.

Professora J - Os aspectos emocionais estão fortemente ligados à aprendizagem. As famílias, como base dos relacionamentos sócio afetivos, interfere diretamente na autoestima e no autoconceito das crianças, influenciando assim, no desempenho escolar.

Volto a afirmar que acredito que a integração aproxima as famílias e, conseqüentemente, favorece o desenvolvimento pleno das crianças na medida em que escola e família estão unidas para buscar atingir o mesmo objetivo: uma educação de qualidade. O que observei anteriormente é que parece haver um peso excessivo sobre a relação entre o aprender e a vivência familiar do aluno. Ou como já referi, pode ser entendido como um desvio de algo que é da escola para o plano familiar.

### 3.2 EDUCAÇÃO, SAÚDE E APRENDIZAGEM

Outra abordagem que tem sido notada na escola são as oscilações de comportamento, estes, relacionados com a aprendizagem. Maria Aparecida Moysés (1996) relata que a expressão “distúrbios de aprendizagem” remete a um problema, ou, em outras palavras, a uma doença que acomete o aluno. Escolas, profissionais da educação e da saúde, neurologistas, psicólogos e fonoaudiólogos, em sua maioria, atribuem as deficiências de escolarização às dificuldades dos alunos, das famílias, ou dos professores furtando-se de uma análise mais abrangente do problema. (COLLARES; MOYSÉS, 1996)

A essa forma de interpretar o problema dá-se o nome de medicalização do fracasso escolar, pois ela transfigura um problema que é social em sua origem fazendo-o parecer um problema médico, tal como já apontei anteriormente e passo a desenvolver mais neste capítulo. Como nos apresenta Moysés, “a medicalização é fruto do processo de transformação de questões sociais, humanas, em biológicas, e eu acrescentaria, psicológicas. Aplicam-se à vida concepções que embasam o determinismo biológico, tudo sendo reduzido ao mundo da natureza”. (MOYSÉS, 2001, p.176)

Para Marília de Lucca quando se nota que grande parte de uma turma está inquieta, improdutiva ou indisciplinada, mais do que ir atrás de remédios, é hora de repensar a maneira como as aulas estão sendo organizadas. Uma sugestão para entender as dificuldades e necessidades dos alunos é abrir um espaço de diálogo. Vivemos em uma sociedade onde aprendemos desde o “berço” que os problemas são contornados através da conversa, porém pouco vemos os conflitos diários sendo resolvidos a partir desta conduta.

É interessante observar que a educação, a saúde e a aprendizagem se relacionam nas respostas das participantes, principalmente a ideia de que os alunos estão mais “doentes” ou com mais dificuldades psicológicas como também observamos que a família novamente é apontada como um processo importante para a saúde e o aprender do aluno, tal como coloco a seguir:

Professora K. – Eu acho que, isso é uma coisa que me chama atenção. Que o que tem me deixado até inquieta é que hoje a gente tem muito mais alunos doentes, não chega a ser uma doença, mas com mais problemas psicológicos do que antigamente, ou antigamente não aparecia assim, sabe? Assim, de ansiedade, de pouca tolerância a frustrações, as vezes dificuldade de relacionamento, eu acho que tem aparecido mais. E quando é alguma doença, assim, mais séria atinge muito a gente. Fazem uns dois anos atrás a gente teve uma menina com problema sério de saúde. [...] E a gente tem aquela ideia que jovem tem que ser saudável e não necessariamente, aí quando é o contrário. E, as vezes, umas doenças prejudicam muito a aprendizagem e, outras vezes, como foi o caso dessa menina, ela era muito perfeccionista. Ela era “AA, A com estrelinha”. Ela foi afastada da escola, enfim, por problema de saúde e no hospital ela fazia os trabalhos e tinha que ver, dava pena de corrigir de tão lindo que era. Então, as vezes, não necessariamente vai prejudicar de aprender, ela conseguia, mas atrapalha, assim, a gente sente mesmo.

Professora S. – As desculpas, sem consciência e tomada de providências, tendem a aumentar o problema de aprendizagem e deixa o aluno desmotivado para aprender. [...] O professor precisa criar vínculo com seus alunos e atentar para diferenciar a forma de ensinar, principalmente interessar por trabalhar as dificuldades, que devem ser entendidas como desafios a serem vencidos, começando a partir do cotidiano dos alunos. Se o aluno percebe que tem dificuldades para aprender, começa a apresentar desinteresse, irresponsabilidade e, às vezes, torna-se agressivo, pois sente que algo está lhe causando sofrimento para aprender. A causa do sofrimento precisa ser identificada, para tratar o problema.

Professora S. – O colégio é, muitas vezes, a extensão de casa, principalmente para as crianças na educação infantil. Os hábitos e as manias que eles têm em casa são repetidos na escola e, por isso, é importante que alguns hábitos sejam reforçados. Por isso, é essencial que a higiene na escola seja incentivada e não apenas comentada ou ensinada.

Professora G. – Muitos dos casos de hoje em dia são ligados a dificuldades cognitivas, dificuldades emocionais e familiares que influem diretamente na aprendizagem e que não são responsabilidade das crianças. Porém, pode haver um caso ou outro em que a criança simplesmente não quer aprender, só quer brincar, sente preguiça, acha as coisas muito chatas, nesses casos falta somente um pouco de estímulo, transformar o aprendizado em algo mais divertido e significativo.

A escola de hoje está cada vez mais se abrindo para inclusão de pessoas com necessidades especiais, bem como, acolhimento de crianças de diferentes raças, etnias, religiões. Isso tem sido um desafio, na medida em que há necessidade de debate sobre as questões da discriminação. Ao abrir vagas para crianças com

necessidades educativas especiais, devem propor a avaliar cada caso especial para que a criança possa ser melhor atendida a partir de suas necessidades. Considerando esta avaliação, com o apoio de uma equipe especializada, se está definindo o grupo e as estratégias que se deve tomar para auxiliar a criança a se desenvolver. Mostro a seguir o relato de uma professora que pode tornar esse excerto da pesquisa mais claro:

Professora M. - Bom, realmente assim ó, dentro do meu contexto né, que eu tenho alunos que usam medicamentos e o que eu posso falar, foi justamente um fato acontecido de que eu tenho um aluno do espectro autista, que, realmente, tem a estereotipia da necessidade dele de bater palmas. O que acontece é que eu procuro não passar pra mãe o quanto isso interfere no meu trabalho em sala de aula. Nesse meio tempo a mãe me procura pra eu colocar pra ela se eu noto o aluno agitado. O que eu coloco pra ela é que sim, realmente ele está agitado, mas não passo esses problemas que acontecem em sala de aula e ela me disse que ele fez exames e, realmente, a medicação não estava na dosagem certa. Então isso é muito importante, realmente, esse acompanhamento com profissionais pra gente poder fazer um trabalho que realmente seja eficaz, através de nós, professores e profissionais da saúde.

Entendo inclusão como o processo de inserção de crianças com necessidades especiais ou distúrbios de aprendizagem na rede comum de ensino em todos os níveis educacionais. Segundo Leny Magalhães Mrech

Na escola inclusiva o processo educativo é entendido como um processo social, em que todas as crianças portadoras de necessidades especiais e de distúrbios de aprendizagem têm direito à escolarização a mais próxima possível do normal. O alvo a ser alcançado é a integração da criança portadora de deficiência na comunidade. (MRECH, 2001, p.5)

Portanto, acredito que a criança com necessidades educativas especiais pode vir a ter ganhos mais significativos a partir do convívio com outras crianças, conseqüentemente, buscar atende-las e proporcionar um ensino de qualidade. Para tanto, em alguns casos, será necessário o apoio de outros profissionais especializados que acompanham essa criança, como: psicólogos, fonoaudiólogos,



psiquiatras, psicopedagogos, dentre outros. Acredito muito nesta parceria e penso que este é o caminho mais ideal para incluir estas crianças.

Pensando nas relações entre educação, saúde e aprendizagem como um todo pude perceber, através dos depoimentos das professoras, que esta relação merece um olhar atento e que a junção dos três conceitos se dá a partir da disposição das pessoas envolvidas neste processo, isto é, não só da criança, mas da família, da professora e/ou do profissional da saúde. Isto pode ser de melhor entendimento ao trazer mais algumas declarações das professoras:

Professora G. – Questões fisiológicas e de saúde do corpo interferem na aprendizagem porque, como uma criança que está com fome, com febre ou sentindo dor vai conseguir a concentração necessária nos estudos. Porém, pensando em aprendizagem para vida ela pode estar aprendendo pequenas coisas que podem ajudá-la a se sentir bem, ou coisas que fazem ela se sentir mal.

Professora J. – Dependendo do caso, de qual doença ela apresenta e de que maneira isso é conduzido pela escola e família, com certeza ela irá aprender; é só ter oportunidades e pessoas dispostas a ajudá-la.

Professora G. – Profissionais da saúde são indispensáveis na área da educação. Infelizmente não é esse o quadro que nosso país nos concede.

Professora J. – É importante profissionais colaborarem com o trabalho da escola, através de diagnósticos precisos, estímulos, manejo e abordagens específicas para cada caso.

Visto algumas abordagens das professoras, se pode entender o quão rico se torna um trabalho realizado em conjunto com os profissionais de outras áreas, pois a educação necessita deste fortalecimento para a realização de tarefas que auxiliam os alunos durante o processo de aprendizagem. É fato que, quando o aluno é bem orientado, é acompanhado pela família, que é o porto seguro das crianças, os procedimentos tornam-se muito mais fáceis e se obtêm bons resultados.

Através das reflexões trazidas pelas professoras tive uma certeza, a saúde da criança, quando bem orientada, assistida e cuidada, os caminhos para um sucesso na aprendizagem se tornam mais acessíveis. Quando se faz necessário, uma família

que é interessada pela educação de seu filho, irá buscar outros meios de ajuda, no caso em questão, auxílio da escola em parceria com profissionais da área da saúde.

Luciana Corso (2008) aborda em seu artigo: “Dificuldade de aprendizagem na educação infantil” o que é dito normal e o que seria patológico. Na idade dos alunos de educação infantil não é fácil diagnosticar patologias, até porque os professores não devem realizar diagnósticos, apenas descreverem condutas. Estas condutas (tidos na escola, durante o momento em que estão com os professores), podem não ser as mesmas condutas que a criança tem em casa por exemplo.

Porém, na educação infantil, as crianças ainda estão se desenvolvendo e passam por fases do desenvolvimento em que é normal ter algumas atitudes, como morder alguém ou achar que tudo e todos são apenas seu, por exemplo. Para uma análise mais precisa, o professor deve conhecer bem as características esperadas para cada faixa etária, pois, quando a criança apresentar características que não são mais esperadas para sua idade, poder das mais atenção para suas atitudes e, quando necessário, deixar a família em alerta para procurar profissionais que façam diagnóstico, analisando as características descritas pela escola e a família. Lembrando sempre que é essencial respeitar o ritmo do aluno.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realidade global na qual vivo atualmente me faz refletir sobre a forma como o ser humano está se relacionando. Vivo em um mundo capitalista em que o ter é mais valorizado do que o ser. Portanto, ainda como “bárbaros” lutamos por território, por riqueza, poder, dizendo não ao amor, à solidariedade, à natureza, ao outro e, dessa forma, a si mesmo.

Viver uma época em que pessoas estão assoladas por doenças como depressão, síndrome do pânico e adicção (dependência de substância, como drogas, por exemplo) é preocupante, é necessário buscar sentido para a vida. É neste sentido que procuro encontrar outros meios para a fuga dessas doenças e consequentemente medicamentos que tomaram conta do mercado farmacêutico. E a partir desta pesquisa pude entender que a aprendizagem é um processo complexo e multifatorial envolvendo a escola, a família e professores.

Uma das soluções viáveis é efetivar políticas que garantam uma educação de qualidade às crianças. Oferecer educação de qualidade desde a primeira etapa da Educação Básica (Educação Infantil) tem sido encarado como algo imprescindível. Neste sentido retomo algo que apareceu nas diferentes etapas da pesquisa, a relação entre família e escola parece ser de vital importância para a aprendizagem, e é um tema que ainda merece ser melhor pesquisado pela complexidade que apresenta..

Acredito na educação que busca espaço na sociedade e proporciona o acesso de todos os indivíduos ao conhecimento necessário para seu desenvolvimento e atuação consciente em sua realidade, pois assim como Paulo Freire (1987), percebo o ambiente educativo como fonte inesgotável e fortalecedora da personalidade das crianças.

O trabalho educativo é absolutamente necessário, devendo, sua definição filosófica, estar pautada em ideias de transformação das atuais conjunturas. Se deve almejar um espaço em que todos tenham autonomia para pensar, criar, refletir, onde as diferenças, os erros e as contradições façam parte do processo de construção do conhecimento e que suas habilidades, aptidões e potencialidades sejam desenvolvidas.

Todas as crianças têm direito de criticar, pesquisar, ser cidadão com potencialidades, praticar habilidades, atuar no meio social, econômico, político e cultural, pois a escola deve querer a formação de um homem sensível, solidário, aberto às críticas, fraterno e responsável. É o que se deseja para o mundo em que se vive atualmente, bem como que sejam capazes de solucionar seus problemas através do diálogo e da troca de experiências no intuito de crescerem e se desenvolverem cada vez mais.

A educação que proporciona o exercício crítico do homem sobre seu meio faz parte da construção da sua identidade cultural e da sua história de vida na sociedade, portanto, se deve questionar quanto aos programas e aos currículos desenvolvidos na escola, pois se desejo formar para a vida, devo trazer a vida para dentro da escola e fazer da realidade de cada um espaço de amadurecimento e de desenvolvimento e, não, tão somente, de processos estanques.

A descontextualização dos temas abordados chocam aqueles que acreditam em uma formação de caráter global e holístico, como menciona o autor Antoni Zabala (2004), pois compartilho com ele a ideia de que a educação seja fomentada pelo desejo das crianças em participarem ativamente do ambiente escolar e da sua comunidade. A escola precisa de pessoas criativas, questionadoras, que sejam agentes do seu próprio conhecimento, que inovem a cultura e promovam, solidariamente, as transformações no seu meio.

Neste cenário, a educação vive momentos difíceis, porém, ganha uma importante missão: preparar os indivíduos para se adaptarem aos novos saberes, desenvolverem suas habilidades, aceitarem desafios e tornarem-se atuantes e agentes de toda uma nova geração que transforma o mundo e transforma-se a partir de um rico movimento, onde aprender e ensinar são ações indissociáveis que modificam as condutas humanas e tornam os homens sujeitos de sua própria educação. Faz-se necessário que a escola seja atuante e democrática, que reconheça os atuais problemas da sociedade e atue sobre eles de forma reflexiva e consciente em prol de mudanças. A tarefa de educação como a de preparar os indivíduos para que compreendam a si mesmos e aos outros, através de um melhor conhecimento do mundo, pois a educação ajuda os homens a refletirem sobre os acontecimentos e a compreendê-los de forma verdadeira, estabelecendo relações com o seu meio.

## REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Tradução de Dora Flaksman. 2. ed., Rio de Janeiro: LTC, 2011.

COLLARES, Cecília, MOYSÉS, Maria Aparecida. **Preconceitos no cotidiano escolar: ensino e medicalização**. São Paulo: Cortez/Campinas: UNICAMP – Faculdade de Educação, 1996.

CORSO, Luciana. Dificuldades de aprendizagem na educação infantil. **Pátio Educação Infantil**. Ano VI, março/junho, 2008.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HICKMANN, Roseli Inês. Ciências sociais no contexto escolar: para além do espaço e do tempo. IN: HICKMANN, Roseli Inês (Org.). **Estudos sociais: outros saberes e outros sabores**. Porto Alegre: Mediação, 2002. p. 10-19.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação Mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade**. 28ª .ed. Porto Alegre: Mediação; 2009.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

LUCCA, Marília. Por que dizer não a medicalização da Educação. In: **Nova escola** 2012

MRECH, Leny Magalhães. **O que é educação inclusiva**. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001

MEYER, Dagmar Estermann; SOARES, Rosângela de Fátima Rodrigues. Corpo, gênero e sexualidade nas práticas escolares: um início de reflexão. IN: MEYER, Dagmar Estermann; SOARES, Rosângela de Fátima Rodrigues. (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade**. Porto Alegre: Mediação, 2004. p. 05-16.

MOYSÉS, Maria Aparecida. **Institucionalização invisível: crianças que não aprendem-na escola**. Campinas, SP: Mercado das Letras / São Paulo: FAPESP 2001.

PIAGET, Jean. Development and learning. In LAVATTELLY, C. S. e STENDLER, F. **Reading in child behavior and development**. New York: Hartcourt Brace Janovich, 1972. (Trad.: Paulo F. Slomp, prof. FACED/UFRGS).

RODRIGUES, Maria Bernadette Castro. Inclusão, humana docência e alegria cultural como finalidades da prática pedagógica. IN: ÁVILA Ivany Souza. (Org) **Escola e sala de aula, mitos e ritos: um olhar pelo avesso do avesso**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2004. p. 23-46

SACRISTÁN, José Gimeno. O adulto constrói o menor e o aluno. IN: **O aluno como invenção**. Porto Alegre: ARTMED, 2005. p.11-24.

SILVEIRA, Débora de Barros e ABRAMOWICZ, Anete. A pequenização das crianças de zero a seis anos: um estudo sobre a produção de uma prática pedagógica. IN: MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti; REALI, Aline Maria de Medeiros Rodrigues (Ogrs.) **Formação de professores, práticas pedagógicas e escola**. São Carlos: EdUFCSCar/INEP, 2002. p. 52-71.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. Alguns di (lemas) do professor no contexto de complexidade. **Pátio Revista Pedagógica**, nº 27, ago/out, 2003, p. 12-15.

ZABALA, Antoni. **Prática Educativa: Como Ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 2004

ZABALZA, Miguel. Os dilemas práticos dos professores. **Pátio Revista Pedagógica**, nº 27, ago/out, 2003, p. 08-11.

## APÊNDICE

### APÊNDICE 1

**Faculdade de Educação – FACED/UFRGS**  
**Graduação em Pedagogia**  
**TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO**

A pesquisadora Renata da Silva Marques, aluna do curso de Graduação em Pedagogia - desta Universidade, sob orientação da professora Dra. Rosângela de Fátima Rodrigues Soares que realizará formação e investigação através de pesquisa realizada no primeiro semestre de 2015. O objetivo desta pesquisa é investigar de que forma o comportamento interfere na permanência do educando na escola.

Os membros da equipe escolar que aceitarem participar desta pesquisa precisam assinar este consentimento, autorizando a coleta de dados a partir do experimento assim como em outros instrumentos, inclusive entrevistas e questionários.

Os dados desta pesquisa estarão sempre sob sigilo ético, não sendo mencionados os nomes dos participantes em nenhuma apresentação oral ou trabalho escrito que venha a ser publicado. A participação não oferece risco ou prejuízo ao participante. Se no decorrer da pesquisa o participante resolver não mais continuar terá toda a liberdade de fazê-lo, sem que isso lhe acarrete qualquer prejuízo ou constrangimento.

A pesquisadora compromete-se a esclarecer quaisquer dúvidas ou questionamentos que eventualmente os participantes venham a ter no momento da pesquisa ou posteriormente através do email da pesquisadora.

Após ter sido devidamente informado/a de todos os aspectos desta pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas:

EU \_\_\_\_\_, RG sob n<sup>o</sup> \_\_\_\_\_, concordo em participar desta pesquisa.

---

Assinatura do/da participante

---

*Renata da Silva Marques* [renatinhasilvamarques@hotmail.com](mailto:renatinhasilvamarques@hotmail.com)

Porto Alegre, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2015

## APÊNDICE 2

### **Entrevista semiestruturada**

- BOM ALUNO E MAU ALUNO.
- ALUNOS E ALUNAS PROBLEMA.
- CONFUSÕES EM SALA DE AULA.
- ALUNOS E ALUNAS AGITADOS OU SILENCIOSOS.
- ALUNOS E ALUNAS COM NECESSIDADE DE MEDICAMENTOS.
- FAMÍLIAS DOS ALUNOS.
- SAÚDE E DOENÇA E SUA RELAÇÃO COM APRENDIZAGEM.



## APÊNDICE 3



**UFRGS – FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**ALUNA: RENATA DA SILVA MARQUES**

**Trabalho de Conclusão de Curso**

*\*Caso prefira responder por email encaminhar para*

*[renatinhasilvamarques@hotmail.com](mailto:renatinhasilvamarques@hotmail.com)*

**QUESTIONÁRIO**

- 1- O que você considera ser um bom aluno?
- 2- E como você define um mau aluno?
- 3- Se um aluno não está “aprendendo” na sala de aula, mas está aprendendo em outros lugares, por exemplo, em casa, o que diria que está acontecendo com ele?
- 4- Você acha que a escola “produz” o bom e/ou mau aluno? Justifique a sua resposta.
- 5- Você acha que meninos e meninas aprendem de maneira diferente?
- 6- Qual é a importância de um médico e outros profissionais da área da saúde no campo da educação?
- 7- Em sua opinião, a família influencia o desempenho escolar das crianças? Se sim, no que? Se não, por quê?
- 8- Você acredita que a criança tem responsabilidade quando não “aprende”? Por quê?
- 9- Uma criança doente pode aprender? Justifique sua resposta.
- 10- Qual é a importância de saúde na educação?
- 11- Para você, quais são os fracassos e as dificuldades que existem na escola hoje em dia e o que os provocam?
- 12- Como você, um professor, pode ajudar a evitar o fracasso escolar? E como podes trabalhar as questões acerca dos preconceitos que permeiam a vida escolar?